

**A RETEXTUALIZAÇÃO  
COMO ATIVIDADE DE DESENVOLVIMENTO  
DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA  
EM ALUNOS DO FUNDAMENTAL II**

*Michele Assunção Lima* (UFAC)

[michelle.limaprofessora@gmail.com](mailto:michelle.limaprofessora@gmail.com)

*Denize Nogueira de Magalhães* (UFAC)

[denizenogm@gmail.com](mailto:denizenogm@gmail.com)

*Lindinalva Messias do Nascimento Chaves* (UFAC)

[lindinalvamessias@yahoo.com.br](mailto:lindinalvamessias@yahoo.com.br)

**RESUMO**

O presente artigo pretende analisar problemas relacionados à fonética e à fonologia da língua portuguesa encontrados em várias produções textuais dos alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola de Boca do Acre (AM). A maioria dos casos são atribuídos à falta de consciência entre características da fala e da escrita e suas peculiaridades, uma vez que, boa parte dos alunos, tende a grafar as palavras de acordo com o que é compreendido no momento da fala. Atribui-se esses problemas a deficiências encontradas na alfabetização, que muitas vezes relativiza o trabalho com a consciência fonológica, consequência da pouca ênfase dada a disciplina de fonética e fonologia no período de formação dos professores que atuam com as séries iniciais do ciclo de alfabetização. Uma proposta que desperta a reflexão acerca das relações entre a fala e escrita é a retextualização, que propõe como uma de suas atividades de passagem do oral para o escrito o trabalho com o gênero textual entrevista. Atividades como essa oportunizam um amplo trabalho reflexivo entre as particularidades da fala e da escrita. Como viés teórico, adotaremos *Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização*, de Luiz Antônio Marcuschi, *Considerações sobre a Fala e a Escrita: Fonologia em Nova Chave*, de Darcília Simões, bem como as reflexões sobre consciência fonológica de Artur Gomes de Moraes em *Sistema de Escrita Alfabética*.

**Palavras-chave:** Consciência fonológica. Ensino. Retextualização. Escrita.

**1. Introdução**

Não é de hoje que se discute a alfabetização como pilar importante na educação no Brasil. O Ministério da Educação (MEC) lançou o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa (PNAIC) com o intuito de alavancar os índices educacionais no ciclo de alfabetização estabelecendo a meta de alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade.

A alfabetização é, sem dúvida, um momento chave na vida do indivíduo. É a fase de desvelar a escrita alfabética para se apropriar do mundo em que o cidadão vive. Por isso, alfabetizar requer do professor

atenção para se escolher, discutir e pensar no método mais eficiente, para que se venha otimizar a educação, e, principalmente, proporcionar ao sujeito meios para um letramento eficiente e pleno. Porém, cada vez mais, nos interrogamos diante de tal desafio, porque alguns de seus objetivos deixam de ser atingidos e acabam se refletindo nas séries posteriores.

Assim, diante do emaranhado de métodos e teorias que se dispõe diante dos docentes, confusões e falta de entendimento de algumas propostas têm feito da sala de aula na alfabetização um verdadeiro “campo minado” entre o que se diz e o que se pratica. Em relação a esse quadro, Izabel Christine Seara; Vanessa Gonzaga Nunes e Cristiane Lazzarotto-Volcão se posicionam da seguinte forma:

Ensinar pressupõe um ou mais métodos, mas é preciso que encaremos a palavra método como experiência propiciadas ou vividas, pois o que realmente faz a diferença é saber o que aproveitar e adaptar dos materiais e das abordagens que são seguidas. É fundamental que o professor se posicione diante do método como investigador crítico que seleciona, rejeita e implementa o material adotado. (SEARA, NUNES & LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 166)

Um dos conceitos que mais consensualmente aparece nas reflexões de teóricos e estudiosos da alfabetização é o da consciência fonológica. Segundo o Thaís Cristófaros Alves da Silva,

A consciência fonológica diz respeito à habilidade de conscientemente manipular não apenas os sons individuais, mas também as sílabas, as partes das sílabas (rimar) e as palavras. Vários estudos demonstraram a importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a aquisição da leitura e escrita e mostram que atrasos nesse processo de aquisição estão relacionados a lacunas no desenvolvimento da consciência fonológica. Portanto, o desenvolvimento da consciência fonológica favorece a generalização e a memorização das relações entre as letras e os sons.

A consciência fonológica leva a criança a adquirir o hábito de refletir sobre o próprio idioma, criando, dessa forma, um círculo benéfico que se estenderá até a idade adulta. Porém, quando não se tem um bom desenvolvimento dessa consciência, as “sequelas” seguem a vida escolar e social do indivíduo. São desvios na escrita e na fala advindos das lacunas deixadas por um trabalho inconsistente no período de alfabetização que acompanham boa parte do alunado, que chega ao ensino fundamental II e que, ocasionalmente se não forem tratadas, podem descambar no ensino médio, causando sérios danos para a comunicação eficiente no ambiente letrado atual.

Uma premissa básica da escola é ampliar as possibilidades de co-

municação através do idioma materno. No entanto, um grande desafio é como proceder com a correção de desvios de escrita sem recair em anti-gas fórmulas, que outrora foram vistas como eficientes “corretoras” do erro alheio, mas que somente ressaltavam conceitos de certo e errado, nada oferecendo de concreto para efetivar a aquisição da escrita naqueles que não desenvolveram plenamente suas capacidades de análise e reflexão da língua na idade correta. Darcília Simões afirma que:

Verificou-se então que muitas das dificuldades de interação vivenciadas nas classes de alfabetização decorriam especialmente de alguns desconhecimentos técnicos, por parte dos docentes, do sistema linguístico e de suas particularidades internas e externas. A observação da língua como um fato social sujeito a intervenções históricas quase nunca era objeto de discussão nos cursos de formação de docentes, tampouco nos de atualização ou aperfeiçoamento. (SIMÕES, 2006, p. 07)

Verifica-se então, que a pouca ênfase que é dada a disciplina de fonética e fonologia na formação dos profissionais que atuarão no ciclo de alfabetização acaba se refletindo no trabalho pedagógico efetuado nas turmas e, consequentemente, reflete-se no desempenho dos alunos na modalidade escrita da língua.

Cabe aos professores do ensino fundamental II propor atividades que levem à reflexão sobre as diferenças entre fala e escrita, uma vez que o aluno precisa ter contemplado o seu direito a cidadania e voz na sociedade. É nesse sentido que Luiz Antônio Marcuschi se manifesta.

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela *se tornou* um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial a própria sobrevivência no mundo moderno. (MARCUSCHI, 2010, p. 16)

Existem muitas atividades que possibilitam essa ativação da consciência fonológica em alunos do ensino fundamental II, todavia este artigo propõe um trabalho com a retextualização do gênero entrevista, fundamentado no pensamento de Luiz Antônio Marcuschi.

## **2. *Consciência fonológica e alfabetização***

A alfabetização constitui-se em um dos pilares da educação. Embora muito se tenha discutido até hoje sobre métodos e teorias no intuito de proporcionar um aprendizado mais efetivo e o letramento exigido pela sociedade atual, é consenso entre educadores que a aquisição da consciência fonológica é essencial para que haja uma alfabetização plena. Para

Artur Gomes de Morais (2014, p. 83), “Usar a língua para pensar ou se referir à própria linguagem é uma evidência de que nós, humanos, desenvolvemos um amplo leque de capacidades ou habilidades de reflexão metalinguística”. É essa propriedade de refletir sobre a própria língua, segmentação de palavras, rimas, sonoridade, que chamamos consciência fonológica. O autor continua:

Hoje, existe um relativo consenso de que aquilo que chamamos “consciência fonológica” é, na realidade um grande conjunto ou uma “grande constelação” de habilidades de refletir sobre os seguimentos sonoros das palavras. A consciência fonológica não é uma coisa que se tem ou não, mas um conjunto de habilidades que varia consideravelmente. (MORAIS, 2014, p. 84)

Entende-se por variação, abordada por Artur Gomes de Morais, os tipos de operações cognitivas desenvolvidas no trabalho com as partes da palavra. O trabalho com consciência fonológica, feito na alfabetização, leva os alunos a refletirem sobre a construção das palavras, as variações da fala para escrita, a grafiação de muitos vocábulos pronunciados e escritos de maneira diferente, ou seja, a consciência fonológica é o primeiro passo para que haja um entendimento real do funcionamento da língua materna ainda na infância.

Apesar da importância de tal trabalho nas turmas de fundamental I, há, ainda, de acordo com Artur Gomes de Morais (2014), uma confusão entre alguns educadores que tendem a desenvolver um trabalho mais voltado a consciência fonêmica que fonológica, trabalhando fonemas das palavras separadamente, processo que não corrobora o verdadeiro “despertar” da consciência sobre o sistema linguístico em questão, servindo apenas para que as crianças memorizem sílabas e letras separadamente. Sobre consciência fonêmica Artur Gomes de Morais afirma:

Ninguém precisa ser treinado a pronunciar /b/i/k/a para a palavra *bica*, afim de se tornar alfabetizado. Aliás, vale a pena lembrar que é só nos cursos de fonética e fonologia, frequentados por quem estuda letras, fonoaudiologia ou psicopedagogia, que adultos já superletrados aprendem a segmentar palavras em seus fonemas. (MORAIS, 2014, p. 88)

Ressalta-se que, apesar de importante, o desenvolvimento da consciência fonológica não é suficiente para que haja alfabetização, é apenas um traço importante de tal empreitada que deve ser abordada como pilar da educação, caso contrário, teremos sempre adultos com problemas de entendimento do funcionamento da fala e da escrita de sua língua materna. Esmeralda Figueira Queiroz e Aline de Souza Pereira afirmam que:

Investigando a importância dada à consciência fonológica na literatura, considerada o principal meio de sanar ou de, ao menos amenizar problemas referentes ao fracasso escolar nas primeiras séries do ensino fundamental, concluímos que essa habilidade necessita ser priorizada entre as práticas dos professores alfabetizadores, uma vez comprovado que a consciência fonológica mal desenvolvida é o principal fator de dificuldades de leitura e escrita. (QUEIROZ & PEREIRA, 2013, p. 43)

Fato corriqueiro entre os alunos que chegam ao ensino fundamental II é a confusão entre o funcionamento da fala e da escrita. Esta tem sido verificada nos desvios de grafiação, entendimento prosódico das palavras e correta pontuação de textos. Boa parte desses problemas, verificados na escrita e pronúncia dos alunos, poderia ser evitada com a devida ênfase no desenvolvimento da consciência fonológica das crianças. Esse gesto acarretaria a análise espontânea e gradual do sistema de escrita da língua pelo educando, dessa forma, evitaria desvios não condizentes com a idade de escolarização de muitos estudantes. Sobre isso, Artur Gomes de Moraes manifesta que:

Se, ao contrário, não têm esse tipo de oportunidade, os seres humanos podem chegar à idade adulta sem conseguir pensar no tamanho das palavras ou sem conseguir identificar duas palavras que rimam ou que começam parecido. É o que demonstram estudos sobre consciência fonológica de adultos e jovens ainda não alfabetizados. (MORAIS, 2010c, *apud* MORAIS, 2014, p. 90)

Logo, é necessário haver uma prática pedagógica que contemple de maneira clara e eficiente as atividades de desenvolvimento da consciência fonológica dos alunos na fase de alfabetização, sob pena de termos adultos com sérios problemas de entendimento do sistema de escrita e, conseqüentemente, incapazes de expressar seus pensamentos e atuarem efetivamente no ambiente letrado no qual se apresenta a sociedade moderna.

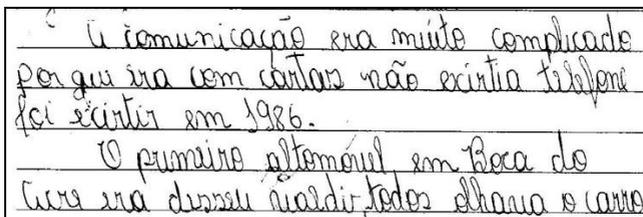
No entanto, em casos específicos em que essa aprendizagem não ocorreu, só nos resta intervir de forma a proporcionar, o quanto antes, as possibilidades para que os indivíduos interajam eficientemente com o mundo que os cerca. É tarefa da escola propor meios de correção dos desvios e de apropriação da língua materna por todos os seus cidadãos.

### **3. *Desvios na produção de discentes do 8º ano do ensino fundamental II de uma escola de Boca do Acre (AM)***

Uma vez que as habilidades esperadas para o ciclo de alfabetização não foram alcançadas, ou suficientemente trabalhadas, cabe ao pro-

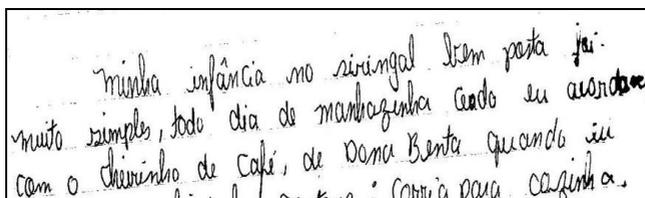
fessor das séries posteriores analisar os desvios, a fim de propor atividades que levem à aquisição da consciência do funcionamento do sistema de escrita.

Nos trechos abaixo, analisaremos alguns desvios comuns na escrita de alunos que chegam à segunda etapa do ensino fundamental.



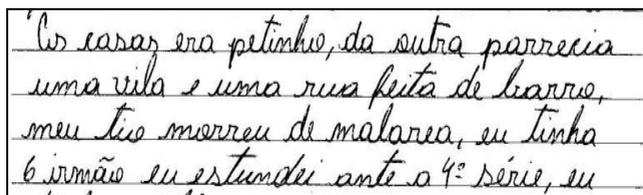
A comunicação era muito complicada porque era com cartas não existia telefone foi escrito em 1986.  
O primeiro automóvel em Boca do Leste era desses antigos todos tinham o carro

Texto 1



Minha infância no sítio com pasta foi muito simples, todo dia de manha cedo eu acordava com o cheiro de café, de Dona Benta quando eu ia para a escola: corria para a cozinha.

Texto 2



As casas era petincho, da outra parreira uma vila e uma rua feita de barro, meu tio morreu de malária, eu tinha 6 irmãos eu estudei até a 4ª série, eu

Texto 3

Nos trechos, constatam-se ocorrências comuns nas produções de alunos que chegam ao ensino fundamental II. Muitos desses desvios já deveriam ter sido superados ainda na primeira fase de escolarização.

Passaremos a uma análise das ocorrências de acordo com as definições dos problemas fonético-fonológicos de Darcilia Simões (2006) e de Denise P. Cardoso (2009).

A escrita em cordão, que segundo Darcilia Simões (2010), “é a ausência de silêncio na cadência frasal”, é encontrada no primeiro fragmento (*disseu*); o rotacismo é percebido nas palavras *exirtia* e *exirtir*, quando o aluno troca o s pelo r na escrita: a assimilação presente na pala-

vra “*siringal*” no segundo trecho, configura uma acomodação na pronúncia da palavra falada e acaba sendo retratada na escrita; No terceiro fragmento encontramos, o processo da síncope na retirada do r na palavra “*petinho*”; em “*parrecia*” há ausência de distinção dos valores de /R/; em “*malarea*” o aluno faz uma hipercorreção, pois tenta adequar a palavra a modalidade escrita, baseado em tantas outras que são pronunciadas com /i/ e grafadas com “e”; ainda no terceiro fragmento há apócope na retirada do “s” final em irmãos.

Diante de produções como estas, docentes costumam fazer correções, grifos em vermelho, sem nenhuma reflexão ou análise junto com a turma sobre as notações mais comuns. É muito frequente a queixa de que os alunos não se corrigem ou simplesmente “guardam” as avaliações sem mais atenção. Para Maria Lúcia de Castro Gomes,

O ser humano é capaz de refletir sobre a linguagem e analisá-la, e a linguagem é o próprio instrumento para essa reflexão. Sendo assim, atividades de reflexão e análise sobre a língua, em seus diversos aspectos e em seus variados níveis, são um recurso didático de muito valor para o ensino e a aprendizagem da língua padrão. (GOMES, 2009, p. 153).

É através de atividades que promovam a reflexão sobre as modalidades de uso da língua – oral e escrita – que despertar-se-á a consciência fonológica do aluno, levando-o a refletir sobre a adequação e as diferenças da modalidade escrita.

#### **4. Atividades de retextualização**

Os desafios de aprimorar o ensino da língua materna e propor meios de reflexão acerca de seu funcionamento, nas modalidades orais e escrita, tem motivado estudos e tempo dedicados ao fazer pedagógico mais significativo. Os PCN da língua portuguesa, 3º e 4º ciclos, preconizam que:

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (PCN, 1998, p. 32)

Um exemplo de prática que ocorre no fundamental II como possibilidade de recuperação das falhas de consciência fonológica, deixadas por um trabalho de alfabetização falho é a retextualização de uma entre-

vista.

Esta proposta de atividade está contemplada na sequência didática da Olimpíada de Língua Portuguesa, concurso promovido a cada dois anos numa parceria entre o MEC e o CENPEC. É um trabalho bastante eficiente no que toca a análise do funcionamento do sistema linguístico, uma vez que o discente irá pensar sobre a adequação do que foi dito pelo entrevistado e na maneira como essa fala será representada na escrita, incluindo nessa análise a pontuação, a preservação dos traços do dialeto etário ou regional do interlocutor e ainda a adaptação de alguns trechos, para que os mesmos sejam vistos como um texto coeso, sem hesitações ou repetições comuns à fala.

Atividades de retextualização proporcionam reflexão sobre a língua no seu caráter mais encantador: na situação de uso.

A retextualização é uma proposta eficiente no que tange a reflexão sobre a passagem, por exemplo, do oral para o escrito, uma vez que essa atividade irá abranger, ainda em primeira fase, processos como a compreensão do que foi dito pelo entrevistado, transcrição das informações e pontuação do texto. Luiz Antônio Marcuschi explica que “A transcrição representa uma passagem, uma *transcodificação* (do sonoro para o grafemático) que já é uma *primeira transformação*, mas não é ainda uma retextualização”. (MARCUSCHI, 2010, p. 51)

Na atividade de retextualização completa, o aluno pode refletir sobre a modalidade escrita da língua e fazer considerações sobre a sua própria produção.

*A retextualização*, tal como tratada nesse ensaio, não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 46)

## 5. *Considerações finais*

É comum nas falas de professores do ensino fundamental II a queixa sobre a escrita dos alunos com falhas que já deveriam ter sido superadas ainda na primeira fase do ensino. Analisando essas falhas, constatamos que muitas são de ordem fonético-fonológicas.

Não é o suficiente o que tem sido feito no processo pedagógico para que haja a superação desses equívocos, uma vez que pouco se reflete sobre as causas do problema em questão, ficando a intervenção por conta de correções e apontamentos do “erro”.

É necessário que o professor esteja preparado e disposto a refletir sobre as questões fonético-fonológicas na escrita do aluno e intervir ainda na primeira fase de escolarização. No entanto, quando o aluno chega ao fundamental II com baixas habilidades de consciência fonológica, há de se fazer igual reflexão para propor atividades que o levem a superar suas deficiências de escrita e alcançar a proficiência comunicativa em todas as modalidades da língua.

Acreditamos que atividades de retextualização como a descrita constitui-se em eficiente meio de fazer observações acerca da linguagem escrita e falada, levando o aluno a pensar sobre as adequações necessárias na escrita de uma entrevista pertencente primeiramente à modalidade oral.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Denise P. *Fonologia da língua portuguesa*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MORAIS, Artur Gomes de. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

QUEIROZ, Esmeralda Figueira; PEREIRA, Aline de Souza. Negligência com a consciência fonológica e o princípio alfabético. In: BORTONIRICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLÇÃO, Cristiane. *Para conhecer: fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Thaís Cristófaró Alves da. Consciência fonológica. *Glossário Ceale*. Disponível em:

<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/consciencia-fonologica>>. Acesso em: 28-10-2016.

SIMÕES, Darcília. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.